

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

ASSIGNATURA

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno ou 52 numeros.....	25500 réis
Semestre ou 26 numeros.....	15000 »
Trimestre ou 13 ».....	7000 »
Avulso.....	60 »

— ANNO I — 27 DE MARÇO DE 1881 — N.º 6 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO
Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros.....	75000 réis
Semestre ou 26 numeros.....	45000 »
Trimestre ou 13 ».....	25000 »
Avulso.....	200 »

SUMMARY

Gravuras:— O ultimo dia de um condemnado; A benção do avô; O Fakir; Uma arvore de raizes phantasticas.

Texto:— As nossas gravuras; Os productos da natureza, uma lição de botanica, por Carlos Sepulveda; Uma execução militar; O orgão da audição nos insectos; O heliograph por Cunha e Sá; O comilão; O crime de Rivecourt, trad. de Cunha e Sá; Expediente.

AS NOSSAS GRAVURAS

O ULTIMO DIA DE UM CONDEMNADO.— A gravura, que hoje damos aos nossos leitores, é copia de

das leis vae riscar em breve do numero dos vivos.

O criminoso está sentado junto de uma mesa, coberta com uma toalha branca, sobre a qual se

cerca; não vê o soldado, que tem, de guarda, junto de si; não presta a minima attenção ás creanças tomadas de pavor e de susto ao contemplal-o; nem aquella mãe, que, apertando contra



O ULTIMO DIA DE UM CONDEMNADO

um formoso quadro, que figurou na Exposição de Paris. Representa uma scena tendo por theatro uma prisão da Hungria.

É costume n'aquelle paiz consentir que o publico entre na cadeia, tres dias antes da morte de um condemnado, para que parentes e amigos possam dizer o ultimo adeus áquelle, que o rigor

vê um Christo no meio de duas velas acesas. Os pés estão presos por correntes de ferro; de tempos a tempos molha a garganta bebendo agua pela bilha de barro, que tem a seu lado. No chão vê-se uma bandeja que serve para receber as esmolas destinadas a sacrificios expiatorios.

O desgraçado parece alheio a tudo o que o

o peito o filho idolatrado, pede ao Senhor que o livre de tamanha desgraça; nem aos amigos que, a custo, lhe dirigem palavras de resignação e de conforto; nem aos indifferentes e curiosos, que olham para elle com olhos de consternação e piedade.

O ser e o não ser, terrivel problema, em que

a rasão descora e o animo mais viril se altera, agita-se deante d'elle e para elle! Vendo a lei inexoravel, de hora para hora, a rasgar-lhe as portas do sepulchro, começa a descobrir os horizontes infinitos, que se abrem além da mortal carreira. Por isso abandonou já, e foi abandonado de todo o sentimento terreste, por mais profundo, por mais vivo, que seja.

O que deixa n'este mundo, amor, desvelos e carinhos, nem sequer lhe arrancam um suspiro do coração, em que já passa o frio horror do termo final da vida.

Não olha para a dedicada esposa, companheira fiel de todas as suas alegrias e tristezas, que chora prostrada de dôr e de vergonha; nem se despede d'aquelle anginho descalço que, ao vel-o tão acabrunhado e pensativo, não ousa aproximar-se do pae, cuja mão tremula deixou cair o livro sagrado, em que acaba de ler as palavras de Christo ao bom ladrão: «Esta noite haveis de estar comigo no Paraizo.»

A BENÇÃO DO AVÔ. São quatro os personagens principaes d'este formoso quadro: um velho octogenario, vergando ao pezo dos annos e das doenças; duas filhas, que lhe são amparo e arrimo na velhice, e uma innocente creança, cujo rosto angelico e jovial é para o pobre ancião como um raio benéfico de um sol de abril a reflectir-se nos gelos do inverno.

A filha mais velha, a que está sentada, tem vivido até hoje na cabana de seu pae com o marido e o filhinho. Mas a fortuna, sempre varia e caprichosa, obrigou o esposo a procurar no estrangeiro uma occupação de que pudesse auferir alguns lucros; e é necessario que a mulher o acompanhe.

O velho pae e a filha mais nova serão, de hoje em deante, os unicos moradores da choupana.

Estão promptas as malas, é chegada a hora da partida: o ancião, que os padecimentos proprios da idade trazem, ha muito, prezo na cama, põe de parte o livro sagrado, a cujas doutrinas foi pedir energia e resignação para não succumbir n'aquelle transe doloroso, e recebe nos braços tremulos o netinho, sua alegria n'este mundo, a quem elle quer tanto como ás meninas de seus olhos...

A mãe, banhada em pranto, descobre a cabeça do innocente, que sorri, e apresenta-o ao pae com respeito religioso. É o momento solemne, em que a creança vai receber a benção do avô. E essa benção, unica herança, que o honrado velho deixará ao neto, e mais preciosa, aos olhos da pobre mulher, do que todas as riquezas da terra — porque não vem longe o dia em que a alma d'aquelle justo, sendo chamado á presença de Deus, levará consigo a saudade do anjo, que abençoou, e não cessará de rogar ao Senhor pela sua ventura e felicidade.

O FAKIR. — Este nome, que significa — pobre — é dado pelos habitantes das Indias Orientaes a uma ordem religiosa de mendigos, chamados *derwiches* ou *sofys* na Persia e na Turquia.

Alguns são verdadeiros entusiastas; mas, a maior parte das vezes, são charlatães ou vis especuladores.

Os hindus consagram aos fakirs o mais subido respeito e consideração, não só por causa da sua reputação de santidade, mas em virtude do temor, que lhes inspiram. Em certas epochas,

estes religiosos fazem peregrinações em bandos numerosos, que não é raro constarem de muitos mil homens, percorrendo o paiz inteiro, quasi nus, e exigindo na sua passagem um tributo, que ninguem se atreve a recusar-lhes. O seu caracter, porém é de tal forma respeitado, tão santo e tão justo se considera tudo o que elles fazem, que nenhum poder civil ousaria syndicar do seu procedimento.

Esta grande ascendencia sobre as massas populares conquistam os fakirs por meio das penitencias publicas mais rigorosas, e das torturas mais horribes e cruéis.

Uns passam dias inteiros, immoveis, sequiosos e famintos, expostos ao calor abrazador dos raios solares; outros permanecem durante annos n'uma posição difficil de supportar, e alguns até não se sentam nem se deitam, e conservam-se de pé com o auxilio de uma corda presa a uma arvore.

Tem-se visto lançarem fogo á cabeça e deixarem arder até aos ossos, ou retalharem o corpo com instrumentos cortantes. Os mais exaltados e fanaticos chegam a cortar a cabeça nas grandes solemidades, entrando immediatamente no gozo da eterna bemaventurança.

O fakir, além da fiel observancia da sua doutrina, deve possuir todas as qualidades do cão: ter sempre fome, não ter asylo certo, velar durante a noite, padecer os tratos mais cruéis, contentar-se com o logar mais humilde e ceder o seu a quem o quizer, afastar-se quando se servem comidas, ter um espirito vigilante, etc.

A nossa gravura representa um fakir em peregrinação deante de seus admiradores.

UMA ARVORE DE RAIZES PHANTASTICAS. — Esta paisagem dos tropicos representa o aspecto das costas e margens fluvias dos paizes transatlanticos, nas proximidades das ilhas de coraes, que encerram tantas riquezas ignoradas.

As arvores d'aquellas regiões tem quasi cincoenta ou sessenta pés de diametro. Citaremos em especial a *Avicennia tomentosa*.

Nada ha mais bello e agradável á vista, do que este genero de arvores, cujas raizes parecem ramos, e formam na base uma especie de tecto rustico, que muitas vezes se eleva a dez ou doze pés de altura. São de uma grande originalidade as florestas compostas por essas arvores, em que se abriga uma numerosissima população de aves e animais pertencentes ás especies mais curiosas.

E, visto que tratamos dos vegetaes, que povoam as florestas dos tropicos, não parecerá fora de proposito dizer mais duas palavras sobre o assumpto.

O naturalista Gustavo Wallis, que em 1863 percorreu o alto Rio Branco, deu noticia, entre muitas outras curiosidades, da existencia de uma arvore collossal, pertencente á familia das *Bombacinas*, que até certo ponto se admittia como sub-divisão das *malvaceas*.

As dimensões d'esse colosso são espantosas, e ainda superiores ás do celebre *Boabab* da Senegambia, ás *Araucarias*, e ás *Wellingtonias* da California e da Sierra Nevada.

A arvore do alto Rio Branco (Brazil) conta 260 palmos de diametro na copa, o que dá 780 de circumferencia, abrangendo assim uma superficie de 50,700 palmos quadrados. Sob esse immenso tecto de verdura podem accommodar-se

perfeitamente 10:000 homens, e poderia sem difficuldade viver uma familia empregada na lavoura. O *tuyuyu*, ave notavel pelo tamanho, escolhe os ramos da grande arvore para livrar-se das setas dos indios, e lá nas bastes mais elevadas zomha até da palvora.

Essa arvore, de tão extraordinarias dimensões é a *Sumaumeira*, mui conhecida nas provincias do Pará e Amazonas, e que geralmente se encontra nas margens dos rios de agua branca.

O celebre *Boabab* da Senegambia pertence á mesma familia da *Sumaumeira*.

Tem de diametro na copa 162 palmos e 576 de circumferencia, occupando uma superficie de 27:300 palmos quadrados.

Suppõem os naturaes que o vegetal conta 500 annos de existencia. Pois em pouco mais de 50 annos attinge a *Sumaumeira* as proporções gigantes, que citámos.

OS PRODIGIOS DA NATUREZA

UMA LIÇÃO DE BOTANICA A SENSITIVA

À EX.^{ma} Sr.^a D. Albertina de Vasconcellos

Conversando hontem com v. ex.^a na reunião do visconde de Milfontes, classifiquei v. ex.^a de sensitiva. Como castigo á minha liberdade de rhetorica condemnou-me v. ex.^a a que lhe dissesse minuciosamente tudo o que eu soubesse a respeito d'esta planta. Humilde servidor e admirador de v. ex.^a, vou cumprir a sentença, pedindo primeiramente releve a pouca competencia do botânico e as mais disposições que o castigado já confessa para reincidir na culpa, logo que se lhe offereça ensejo de empregar relativamente a v. ex.^a imagens tão adequadas como aquella que lhe attrahiu este castigo.

Primeiro que tudo saiba-se que a sensitiva é uma especie do genero «mimosas». Logo que o vôo de uma ave agita o ar em volta d'ella, que não indisereta se lhe aproxima disposta a tocá-lhe, todas as folhas abertas fecham-se pendendo ao longo dos ramos que as sustentam.

Se se continua a perturbar a tranquillidade d'esta planta singular, parece que o seu receio se muda em terror mortal, e que a fraqueza lhe invade todos os ramos, que se dobram pelo ponto de ligação com o tronco.

Desapparece, porém, o inimigo, todas as partes do vegetal voltam á sua primeira posição. Aproxima-se elle novamente; a mesma causa produz o mesmo effeito, e o phenomeno repete-se.

A sensitiva é de todos os vegetaes o que parece em mais alto grau possuir a irritabilidade que alguns naturalistas, com pouca razão de certo, tem assimillado á sensibilidade annual. Tem-se notado que o abaixamento dos pedunculos que sustentam as folhas e o retrahimento d'estas, cessam quando a causa que as occasiona persiste. Como a alma tímida que pouco a pouco cobra audacia, do mesmo modo a sensitiva habitua-se ao que a principio tanto a assustava. Quando trazida em carro pelos jardineiros, começa por fechar-se de todo, mas volta pouco a pouco ao seu estado ordinario com a continuação da viagem, e parece que acaba por não se resentir com os abalos e solavancos.

As sensitivas experimentam, de um modo muito especial, a necessidade que tem todos os seres organizados da luz do sol. A sua folhagem

segue geralmente a direcção dos raios solares, e observando a planta com atenção, descobre-se uma mudança continua de posição em todas as folhas. Nas sensitivas reconhece-se além d'isso um movimento ainda mais curioso. Quando uma folha se fecha, ou pelo contacto de um corpo estranho, ou por effeito da privação da luz, o seu peciolo aproxima-se do ramo ou peciolo commum, e forma com elle um angulo mais pequeno que até ali. Quando o contacto é muito forte, veem-se successivamente contrahir-se todas as partes da planta; parece querer reduzir-se a um feixe estreito e comprido, e até certo ponto assim succede.

Entretanto, os movimentos dos foliolos e das folhas são independentes uns dos outros, e parecendo que quando um ramo se dobra, com mais razão as suas folhas se devem dobrar e fechar, é apesar d'isso possível tocar no ramo tão delicadamente que só elle receba uma impressão de movimento.

Como já disse a v. ex.^a, a porção da planta que se fecha, abre-se em seguida por si mesma e por si mesma volta ao seu primeiro estado. O tempo necessario para isto varia conforme as circumstancias, o vigor da planta, a estação, a hora do dia.

Como é natural, minha senhora, estes phenomenos estranhos tem ha muito chamado a attenção dos botanicos e dos physicos; mas até hoje não se tem dado d'elles nenhuma explicação satisfactoria; uns consideram-nos como resultado de um movimento puramente mechanico, outros attribuem-nos a uma sensação especial que a planta experimenta.

Nada ha de positivo a tal respeito.

Segundo a opinião de alguns sabios, este movimento seria antes devido á acção da luz e aos fluidos nutritivos, cuja circulação ella activa, do que a uma organização particular que por algumas pessoas é assimilada á dos animaes.

Um professor da Escola Polytechnica, meu amigo, por causa de v. ex.^a, na esperança de que eu obteria assim alguma novidade para lhe dizer, fez na minha presença algumas experiencias, cujo resultado foi o seguinte:

Collocada a planta n'um quarto escuro durante o dia, esteve sempre entorpecida; mas exposta durante a noite á viva luz artificial, todas as partes que a compõem se animaram.

Mettida em seguida n'uma carroçagem e conduzida durante muitas horas, parece acostumar-se ao movimento e conservou-se sempre aberta e animada.

Ainda mais, a acção do chloroformio paralyzou-lhe toda a sensibilidade, de modo que se lhe ponde tocar e até dar-lhe picadas com um alfinete sem produzir n'ella a mais pequena contracção. Mas assim que o somno artificial cessou readquiriu as suas propriedades.

Bem vê v. ex.^a, esta planta parece ser susceptivel das mesmas impressões que os animaes, e como que é dotada de um verdadeiro systema nervoso.

Mysterios da criação!

Sabe, minha senhora, de que é emblema a flor de que acabo de tractar: da sensibilidade, o mais bello, o mais doce attributo da mulher, e principalmente de v. ex.^a

Estimaria ser novamente condemnado; seria a prova de que não desagradei a v. ex.^a, de que não irritei aquella a quem chamei e chamo ainda a sensitiva.

CARLOS DE SEPULVEDA.

UMA EXECUÇÃO MILITAR

I

Henrique Wilson, que servia n'um regimento de infantaria ingleza, alliava, por um d'esses contrastes, que muitas vezes se encontram, as qualidades proprias de um bom soldado e os defeitos mais incompatíveis e avessos á profissão das armas. Dotado do valor, da impetuosidade, que em tempo de guerra constituem os heroes, era em virtude do seu caracter susceptivel, mordaz, teimoso e violento uma das praças mais indisciplinadas do corpo.

Condemnado a alguns dias de prisão, (não me lembra agora porque motivo), recusou-se terminantemente a vestir o pequeno uniforme. Aos conselhos e advertencias respondia com injurias, ás ameaças com socos e pancadas. Chegou ao ponto de lançar-se ao capitão, deital-o por terra, arrancar-lhe as dragonas, e, se os espectadores não intervissem, teria com certeza desafogado a sua colera commettendo as maiores atrocidades.

Respondendo a conselho de guerra não manifestou a mais leve sombra de arrependimento, e foi por unanimidade condemnado a ser passado pelas armas.

Wilson tinha mãe, que ficara viuva ainda muito nova, e não tornara a casar por causa do filho, o que todavia não impedio que elle a abandonasse para ir sentar praça no exercito.

A pobre mulher sentio, e sentio muito, a forma porque Henrique lhe pagava os extremos e cuidados; mas, quando soube que elle tinha sido condemnado, o amor de mãe, aparentemente adormecido, acordou com toda a sua força e energia. As loucuras e desvarios de um filho ingrato foram esquecidos sob a impressão d'este horrivel pensamento: vae morrer!

Ella acenselhou ao filho que appellasse, e foi lançar-se aos pés dos juizes. Mas a lei não ponde perdoar. A sentença fatal foi confirmada.

As tropas tiveram conhecimento da condemnação por uma ordem do exercito, e a noticia promptamente se espalhou por toda a cidade.

O lugar escolhido para a execução era um espaço descoberto, sobre as muralhas; a hora, a do meio dia. Meio dia para que o exemplo fosse mais efficaç, visto como a essa hora os operarios descançam alguns momentos do trabalho.

II

De manhã cedo o rufar dos tambores, o som das cornetas e o tropel dos cavallos annunciaram a execução que ia ter lugar. O povo corria, atropellava-se, arrastava-se em turbilhão vertiginoso para o local designado.

As tropas formaram em linha constituindo trez lados de um rectangulo, cujo quarto lado era fechado por um muro branco. No centro estava um pelotão de doze soldados escolhidos para serem executores da lei militar.

Carregam as espingardas, e na postura e no semblante de todos debuxa-se a afflicção e a dôr, combatidas pelo dever. Junto d'elles havia um grupo de officiaes, occupados com os terribes preparativos, e mais longe uns poucos de medicos.

N'estas occasiões pertence-lhes o corpo do paciente.

As eminencias, os muros, os telhados visinhos

estavam coroados por uma espessa floresta de cabeças. A multidão porém guardava profundo silencio e procedia com a maior decencia. Nada de tumultos, nem de blasphemias, nem de pragas, nem de confusão. Todos estavam alli, observando com anciedade os preparativos para a morte do soldado, todos o lastimavam, mas reconheciam a justiça da condemnação.

Não havia esperança, não podia haver duvida, Mas quem é aquelle homem, que está afastado, o unico que tem o privilegio de entrar no quadrado fatal, com um barrete sujo, um fato imundo, e uma corda na mão? É algum parente do condemnado? Não. É o homem que desempenha as mais baixas funções a que se pôde aviltar a natureza humana: é o carrasco.

E aquelle carro, que vem andando devagar, o que é? É o coche do soldado.

Um horrivel tremor corre por todos os membros da multidão agglomerada, quando dois homens se approximam do carro, tiram um esquite e o collocam junto do muro por traz de um outeiro, que marcava o termo da vida do criminoso.

III

Mas... já deu a hora: onde está o prisioneiro? Suspendeu-se a execução? Não. Attentae no que se está passando. Não ouvis o murmurio surdo e confuso, que sahe da multidão? não vêdes como toda a gente se colloca em ambos os lados do caminho?

É elle que vem.

As tropas estão em armas; rufam os tambores; abre-se uma parte do quadrado.

Um corpo de soldados avança vagarosamente. No meio d'elles está um homem, de pequeno uniforme, e a seu lado caminha um ministro de Deus tendo na mão o symbolo sagrado da nossa fé. O sacerdote reza com fervor, em voz alta, e diz palavras de consolação e de conforto ao moribundo; pois entre elle e a eternidade não ha outra barreira, outro intervallo senão a leitura da sentença.

Do outro lado, acha-se o padrinho do soldado, o unico amigo, que lhe resta; acaba de lançar-lhe a benção.

Quanto á mãe, coitada!... descrever-lhe as angustias e torturas é tarefa impossivel á palavra humana...

Dá-se um signal: ouve-se rufar o tambor, e parar de repente.

Profundo e terrivel silencio!

O grupo tristonho e lugubre aproxima-se do recinto fatal. Tremem todos os corpos, palpitam com violencia todos os corações.

E, na verdade, é um espectáculo muito para entristecer e lastimar, ver uma pobre creatura no florir dos annos, caminhar para o tumulo, e n'um segundo transpôr a barreira immensa, que separa a vida da morte.

Houve uma pausa de alguns instantes.

O sacerdote levanta a voz, e lança a benção ao penitente: o padrinho desfecha em pranto; porém elle, Henrique Wilson, avança com um passo firme, e caminha só, sem o minimo amparo. Vê o esquite, não manifesta a mais pequena commoção. Não pede que o conduzam, e continúa a andar com serenidade, mantendo-se perfeitamente nas pernas, com os braços cruzados, e cabeça levantada.

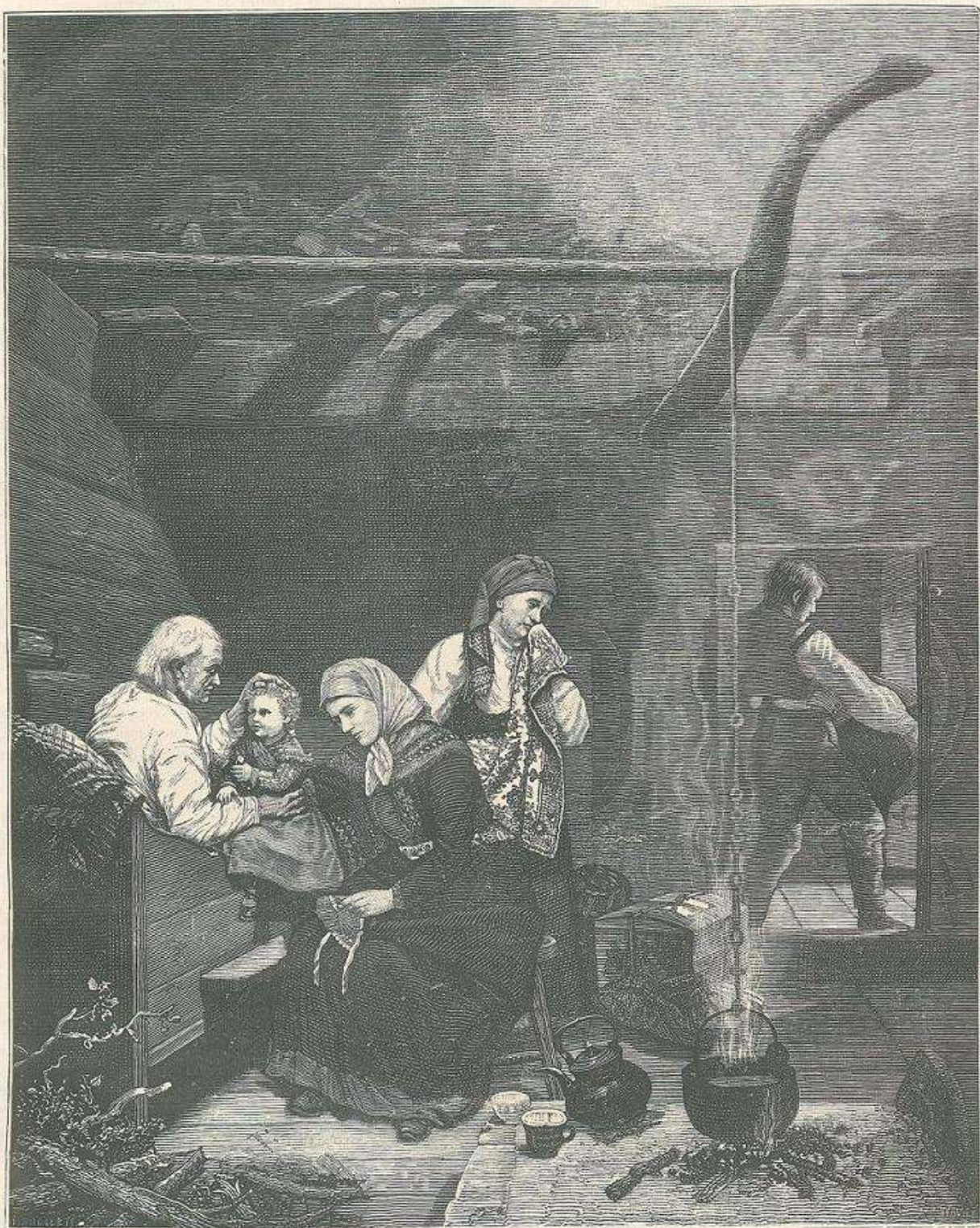
Depois lança um olhar para a cova aberta, ou-

tro para os soldados, que estão deante d'elle com as armas carregadas, e, inclinando a cabeça, ajoelha.

anima-o a esperança do perdão n'este mundo, ou da salvação no outro? A sua tranquillidade e compostura denotam apenas a mais completa indiferença. Está de joelhos; tem a cabeça desco-

deixam adivinhar remorsos, nem esperança, nem agonia.

O céu está coberto de nuvens sombrias e carregadas; mas, de repente, dissipam-se os vapo-



A BENÇÃO DO AVÔ

IV

Os corações batem com tanta força, que é difficil respirar. E no espirito de todos se agita o seguinte problema: que sensações experimentará o homem, que está alli ajoelhado? vê? ouve?

berta. As rezas e orações absorvem-lhe o animo? Pensa elle por acaso no lar paterno, recorda-se dos seus dias de infancia, lembra-se de sua desventurada mãe? ou todo aquelle ser, toda aquella alma é um medonho chaos de confusão e desespero? Os labios não se movem; as feições não

res, e o sol brilhando em todo o seu esplendor no meio de um azul puro e formosissimo, doura com os seus raios de fogo o theatro d'esta lugubre tragedia.

Mas pouco importa que as nuvens lancem agua, neve ou fogo; Henrique está indifferente como uma pedra.

De que lhe serve este sol encantador e deslumbrante? Mais alguns minutos... e as trevas da morte virão fechar-lhe as palpebras para sempre.

Também elle, o carrasco, avança alguns passos; abaixa-se, arranca um punhado de erva seca, dá um pontapé n'uma pedra, cruza os braços e continua a olhar fixamente para o que

va-se de joelhos, tendo a cabeça encostada á mão direita, e a mão esquerda vigorosamente fechada; as sobrancelhas estão franzidas, as ventas abertas, cerrados os labios e os olhos. Uma ligeira



O FAKIR

Finalmente está tudo preparado. O juiz encarregado de ler a sentença avança de vagar; o pelotão, que o deve executar, une as fileiras. Os soldados empunham com mais firmeza as espingardas. Divisa-se-lhes nos rostos profunda commoção.

se passa em volta de si. A acção d'este homem era uma significativa e eloquente imagem do seu horrivel mister.

V

O juiz começa a leitura. O prisioneiro conser-

oscillação do corpo, um tremor, que lhe agita todos os membros, são os unicos signaes de que elle ainda é susceptivel de sensação.

A massa de povo, que o rodeia, está silenciosa como o tumulo. Dirigem-se os olhares para o paciente insensivel, resolute; depois para o esquife,

Alguns espectadores voltam a cabeça e tapam os ouvidos, porque os executores da sentença preparam as armas.

Os officiaes e os juizes desviam-se para traz. O paciente tem as mãos e a boca fechadas com mais força, os beijos tremem-lhe nervosamente; dirige um olhar furtivo para os executores, e do peito convulsamente agitado, sahe-lhe um profundo soluço.

«Apontar!» Estas palavras são pronunciadas com voz forte e penetrante pelo official, que commanda o pelotão.

Dos que assistem ao horroroso espectáculo, uns prostram-se, outros soluçam, e alguns até desmaiam; o sacerdote ajoelha e reza com fervor. O carrasco arrasta-se, como um reptil, para ao pé da victima.

Onde está o lenço para vendar os olhos ao paciente? Desejará elle dar mostras de uma coragem digna de melhor causa, e encarar a morte como um heroe? Deseja sim; não quer que lhe tapem os olhos.

Coragem, soldado, e Deus tenha misericórdia de tua alma.

VI

Uma só palavra, duas syllabas apenas «Fogo!» e não será mais do que um cadaver. Mas espere! a morte vai ver arrebataram-lhe a preza. Chega um official correndo, e já sem folego.

O soberano, o poder moderador, informado da sorte do condemnado envia immediatamente um mensageiro com o seu perdão.

«Perdão!» exclama o official profundamente commovido.

«Perdão» repetem os grupos, que o cercam.

E esta palavra: Perdão! por entre as acclamações de: Viva o rei! sahe como um grito espontaneo repetido por toda a multidão, e resoa alegremente no espaço.

O homem ajoelhado parece então despertar de um somno lethargico.

A natureza porém reclama os seus direitos. As mãos agitam-se violentamente; anima-se-lhe a phisionomia; os olhos dirigem-se para o sol, que fulgura com tanto brilho sobre elle; tremem-lhe os labios; quer levantar-se; mas cambaleia e cae nos braços dos que tinham corrido para sustel-o, e chora abundantemente. E que a transição da agonia para a corteza da vida, foi rapida de mais.

É facil adivinhar o que sentiria o auctor d'estas linhas assistindo a scenas tão pungentes, quando se souber que foi elle o objecto das violencias de Henrique Wilson, e que a sentença de morte foi pronunciada em virtude do seu depoimento.

O ORGÃO DA AUDIÇÃO NOS INSECTOS

A existencia do ouvido nos insectos era admitida por todos os naturalistas, apesar de se não ter podido descobrir onde residia. Mas, segundo a opinião dos entomologistas Erichson e Lépès, o órgão da audição, em todos os insectos, existe na extremidade das antenas, e consta de aberturas cujo numero e posição varia consideravelmente, tendo no fundo uma membrana, que corresponde ao tympano dos vertebrados. Por de traz da membrana ha uma cavidade cheia de um liquido espesso, em que fluctua quasi sempre um corpo so-

lido, que substitue provavelmente os pequenos ossos dos ouvidos mais perfeitos. Erichson e Lépès chegaram a seguir até a cavidade, de que fallámos, o nervo antennal, correspondente ao nervo auditivo.

O volume d'esses órgãos é muito variavel, e está muitas vezes em grande desproporção com o tamanho do insecto. Os *libellulideos* tem quatro ouvidos: os *coleopteros* tem um numero enorme. Os ouvidos dos *crustaceos decapodes* tambem existem nas antenas, sendo o pequeno osso substituido por um liquido mais espesso. O mesmo se observa nos *myriapodes*.

Agora duas palavras a respeito da attracção que a luz exerce sobre os insectos. Essa attracção é muito mais forte para os dipteros do que para as outras ordens. As borboletas, depois de serem atrahidas pela luz, não vão todas morrer na chamma: collocam-se indifferentemente nos lugares illuminados pela refracção da vela ou do candieiro; e quando se tira o foco luminoso, não o seguem, e permanecem na mesma situação. Com os outros insectos não succede o mesmo: seguem a luz para onde quer que seja levada, e se a apagam, dirigem-se logo para outra, ainda que se achem a grande distancia.

Para que a attracção da luz sobre os insectos tenha logar em toda a sua força, é necessario um certo estado da atmospheria, como, por exemplo, excessivo calor durante o dia, approximação de uma tempestade violenta, ou consideravel desenvolvimento de electricidade.

O HELIOGRAPHO

Romanço scientifico de Verne Julio

(CAPITULO UNICO)

Achava-se no seu laboratorio o doutor Quercus, amigo intimo de Edison, o grande inventor americano, e correspondente de Julio Verne, o romancista das grandes descobertas.

Tinha o sobrolho um poucoquinho carregado, contrahida a fronte usualmente serena, e os raros cabellitos brancos que lhe circumdavam a calva veneranda, tinha-os,—terrivel symptoma!—positivamente em pé, de indignação!

—Digo-lhe, doutor Quercus, que o seu systema de trajetórias é perfeitamente uma tolice! Repito-lhe, uma tolice!

Estas palavras partiam do transmissor do telephone com uma distincção formidavel, inexoravel, e as faces papudas do sabio passaram da rosea cor da cenoura franceza para o vermelho asanhado da beterraba ingleza.

—Almirante Tople, se os meus ouvidos e o meu telephone não me enganam, o senhor acaba de me dizer que o meu systema de trajetórias,—systema sem rival em exactidão e simplicidade—que o meu systema era—com mil... pilhas electricas—que o meu systema era uma tolice!

E o doutor atirou com esta replica para dentro do receptor do telephone, com a mesma ancia com que metteria uma buxa n'uma espingarda para atirar ao seu adversario.

—Senhor, como practico e como official da armada de Sua Magestade a Rainha, entendo que é do meu dever fazer com firmeza e respeito a seguinte affirmação: o seu systema de trajetórias, não é só uma tolice, é uma grande tolice!

—O senhor é um charlatão!

—O senhor é outro!

—Olhe, sabe o que lhe digo? Boas noites! Não se incomode a communicar commigo, quer pelo telephone, quer pelo heliographo.

—Senhor Quercus, é uma pechincha poupar-me esse incomodo. Faça favor, desarme o apparelho lá do seu lado.

O doutor obedeceu com tanta promptidão que partiu o fio galvanico, e trémulo de colera, deixou-se cair n'uma cadeira de braços, e não socegou enquanto, por uma serie de calculos differenciaes, não demonstrou a si mesmo, sem lhe restar uma sombra de duvida, que a theoria das trajetórias era a unica theoria do universo em que se podia confiar.

—O Jack, disse o doutor para o filho, n'aquella dia ao jantar, d'agora em diante tens de me fazer o favor de não frequentar a casa do almirante Tople.

—Então porque, papá?

—Descobri que as suas idéas a respeito do meu systema de trajetórias, não são umas idéas muito sãs, e suspendi hoje todas as minhas communicações telephonicas e heliographicas com elle.

Jack fez-se de mil cores.

—Mas o papá não desarmou o apparelho, não é verdade?

—A communicação telephonica já não existe, meu rapaz. O heliographo está porém intacto ainda. Hei de ver se o meu justo resentimento me leva a desmanchal-o tambem. Apesar de que o almirante me offendeu profundamente, quero dar-lhe ensejo de se desculpar.

Jack Quercus ficou desesperado. Estava louca, entusiastica, telephonica, heliographicamente apaixonado por Julia Tople, e Julia pagava-lhe na mesma moeda.

Uma vez accesa a chamma electrica, os dois namorados tinham estabelecido e mantido doce correspondencia por meio do telephone e do heliographo, isto é, dignos filhos d'aquelles paes, tinham posto a sciencia ao serviço do amor. Como bem se póde imaginar, todos os seus ternos cuidados se empregavam na conservação d'aquelles apparelhos tão discretos e tão prestadios. Não admira, pois, que a perspectiva de se ver obrigado a recorrer ao meio vulgar e já velho da penna e da tinta, confrangesse o coração e regelasse o sangue do ardente e amoroso Jack Quercus.

Mas, era filho de um sabio, e para os sabios não ha difficuldades.

Acabado a jantar, Jack correu ao terraço da casa e procurou o heliographo. É verdade que o sol já se pozera, mas tinha a mão a electricidade, e em menos de dois minutos o espelho heliographico estava em actividade, e Jack *chammejava* amorosas mensagens á sua amada. Mas a sua amada não estava á espreita, e foi debalde que esperou pela resposta. Esmoreceu deveras. N'aquella manhã tinha tido uns arrufos com Julia, e teve serio receio de que ella lhe passasse o pé heliographicamente.

Em quanto o mancebo se apoquentava por este modo, o almirante Tople achava-se a contas com o seu sexto cachimbo e o seu terceiro grog.

Estava de um humor dos diabos, e a sua linguagem tinha mais o sabor de porão que do tom-badillo.

—Raios levem o tal Quercus! resmungou. Por que diabo está elle agora a despedir cham-

mas que nem que fosse um incendio? Nada, não quero que se diga que elle foi o ultimo a dar as suas razões. Tubarões me mordam se não vou lá acima e lhe não digo das minhas! Julia, dá cá o meu casaco das invernias.

Julia fez-se pallida. Também tinha apercebido a chamma do heliographo e o beicinho desappareceu-lhe, porque lera a seguinte mensagem: Minha adorada, a minha alma está cansada de esperar por ti.»

Não convinha por modo nenhum que o pae almirante respondesse á mensagem.

Accudiu-lhe uma idéa feliz.

— O' papá, está tão fria a noite! Vae apanhar uma constipação. Deixe-me ir a mim.

— O' Julia, aquella *questão* é commigo.

— Mas o papá ainda não acabou o cachimbo.

— Não importa. Posso ir acabá-lo lá em cima. Dá-me o casaco, anda.

Não havia remedio. A donzella obedeceu com muito má vontade, e seguiu o iracundo almirante até lá acima.

— O que hei de eu fazer? O papá com certeza se vae servir d'alguma das suas terríveis palavras, e Jack ha de julgar que fui eu.

Estas phrases disse-as, ou antes, suspirou-as consigo mesmo.

(Chamma do heliographo): — Porque é que não me respondeu?

— Ah! Já está com pressa, grunhiu o almirante. Muito bem, vou responder-lhe em termos.

(Chamma) — Aqui estou. Que deseja?

(Chamma) — Que crueldade fazer-me esperar!

(Chamma) — Ah! Eu sou cruel? Como é que eu havia de saber que estava ali?

(Chamma) — Se o seu coração me fosse favoravel adivinhava.

— O meu coração! O que está aquelle ratazana a dizer!

(Chamma) — Vamos já á questão. Concorde em que eu tive razão e o senhor não teve?

(Chamma) — Pois pergunta-me isso? Não é a meus olhos sempre uma perfeição? Eu é que tive a culpa com as minhas palavras precipitadas.

O almirante esfregou os olhos e coçou na cabeça.

— Mil trovões! Quem havia de dizer que elle se abaixava a este ponto? (Chamma) Falla a serio?

(Chamma) — Não duvide. Que infeliz tenho sido depois da nossa zanga!

— O diabo é o homem! Porque estás a rir, Julia?

— Por nada, papá! Estava dizendo commigo que depois de tantas desculpas do doutor, o papá devia também dizer-lhe alguma coisa agradável.

— Com o demo, tens razão, pequena. (Chamma) — Peço sinceramente perdão, e espero que fique tudo como d'antes.

(Chamma) — Então façamos a promessa mutua de nunca mais termos questões, sim?

— Então aquelle banana não se está metten-do a poeta! Ah! ah!

— Mas agora que é aquillo. Não entendo aquelle original.

Julia corou muito e ficou toda perturbada.

— O raio do velho perdeu o juizo. Eu seja mettido a pique, se elle não me pediu um beijo! Quererá insultar-me?

— Oh! não, papá; tenho a certeza de que não

quer semelhante coisa, accudiu Julia. O doutor Quercus tem andado muito por fóra. Isto de beijos é coisa muito vulgar no Continente, affirmo-lhe.

— Ah! é! Pois deixa que não lhe hei de ficar atrás. Ah! vae uma duzia. (Chamma, Chamma, repetidos chammass).

— Oh! papá, basta! (supplicante) Que idéa fará elle de mim!

.....

— Dr. Quercus.

— Almirante Topsisle.

— Permitta que lhe repita, doutor Quercus, que é grande o meu pezar se na nossa ultima questão lhe fiz a mais pequena offensa.

O doutor Quercus olhou muito espantado. Tirou os olhos. Tornou a pol-os. Não havia duvida de que o almirante fallava a serio.

— Almirante Topsisle, aceito as suas desculpas com a franqueza com que foram apresentadas. Apertemos as mãos e para o futuro evitemos todos os assumptos em que nunca poderemos concordar.

— Com todo o meu coração, doutor.

.....

— Uma duzia? Que vergonha Jack! Bem sabe que nunca lhe poderia prometter tantos!

CUNHA E SÁ.

UM COMILÃO

Ha sujeitos, que sem comerem desordenadamente, são grandes amadores de petiscos e bons bocados. Saboreiam com invejavel prazer uma *mayonnaisse* de salmão, uma gallinholá bem assada com a competente *almofada* uma *terrino de paté de foie gras*, acompanhando qualquer d'estas iguarias com uns copinhos do seu vinho predilecto. Ao encontrarem deante de si o ideal dos seus sonhos culinarios, exalta-se-lhes o rosto, as feições adquirem uma expressão radiosa, os olhos brilham, as ventas abrem-se para melhor receberem os effluvios do appetitoso guizado, e os frequentes estalinhos dados com a boca denotam a satisfação, a felicidade, que inunda aquelles corpinhos. Ante-gozam na terra o paraíso, graças á pericia do cosinheiro.

Outros porem, preocupam-se mediocrementemente com a qualidade. A questão é de quantidade. *Eucher o estomago* é a sua constante preocupação. Nem se lhes falle no que a moderna cosinha franceza tem inventado de mais fino e exquisito. Na sua opinião Vatel e Savarin são dois grandes pedaços d'asno. Os nomes, deante dos quaes se curvam reverentes são: Baldanza, tia Gertrudes, Perna de pau. Os primeiros, dizem elles, gastam o tempo em fazer pastellinhos, empadinhas e molhinhos, que não chegam para a cova de um dente; os segundos preparam peças de resistencia, a boa orelheira de porco com feijão, o excellente pato com arroz, a optima carne de vaca com batatas. Os primeiros são francezes, teem muita graça, muito espirito, mas apanham em Sédan para o seu tabaco. Os segundos, como os allemães, não armam tanto ao effeito, mas atacam o inimigo com canhões krupp, que outra coisa não são para o estomago dois pratos de feijão com castanha, ou de grão com arroz.

Aos amadores de bons bocados, de iguarias delicadas e exquisitas dá-se o nome de *gulosos*.

Os que vivem para comer, que só querem encher o estomago, e que detestam comidas leves e finas, são chamados *comilões*.

Para deixar bem desenhado o typo do comilão, vamos apresentar a forma, por que um d'elles, muito conhecido em Lisboa, respondeu a algumas perguntas, que lhe foram feitas n'um jantar:

— Antonio, gostas de molhos?

— Gosto, porque dão bom sabor ás comidas. Não gosto, porque fazem com que os outros comam o que eu sóinho poderia comer.

— É ou não preciso mastigar?

— É, porque se gosa mais tempo do prazer de comer. Não é, porque sempre se perdem alguns bocados, em que se poderia ir comendo.

— Tomar um purgante é bom ou mau?

— É bom, porque se engole. É mau, por que despeja o estomago.

— O Creador fez bem ou mal em dar-nos uma lingua?

— Fez bem, porque a lingua serve para pedir de comer e de beber. Fez mal, porque enche a a boca, e porque faz perder tempo a fallar á mesa.

— O casamento é bom ou mau?

— É bom, porque sempre ha uma festa com muitas comidas. É mau, por que se vae buscar uma mulher, que passa o resto da vida a comer metade do jantar.

— O que é melhor: jantar ou ceiar?

— Nem uma, nem outra cousa, porque só deve haver uma refeição, que dure o dia inteiro.

— O' Antonio, tu também não gostas de jantar com treze pessoas á meza?

— Não gosto, quando o jantar foi feito só para doze.

ÉLIE BERTHET

O CRIME DE RIVECOURT

(TRADUÇÃO DE CUNHA E SÁ)

(Continuado de pag. 46)

— Hum! ha de ser difficil!... dizia elle consigo. Aquelle miseravel, apesar das suas lagrimas hypocritas, devidas talvez a uma colera impotente, pareceu muito desposto á revolta... O tigre ainda não está domado: devo esperar assaltos publicos e ferozes e resistencia desesperada. Ora! domal-o-hei em risco de ter a sorte dos domadores que são ás vezes devorados pelos seus bichos antes de poderem domal-os.

Tomou algumas fumaças.

— Na verdade, continuou, vou carecer de uma activa vigilancia de noite e dia. Ao menor descuido, á menor falta de geito dará cabo de mim... Ora adeus! concluiu bocejando, terei com que me entreter e distrair até ao fim dos meus trabalhos n'esta terra de selvagens... Vamos dormindo, entretanto.

E o artista preparou-se para dormir.

Mas não desprezou as mais minuciosas precauções, a fim de garantir a sua segurança.

Apesar de já ter aferrolhada a porta, encostou-lhe uma porção de moveis, de modo que formassem um montão que ao mais simples abalo viesse abaixo com estrondo.

Em seguida certificou-se de que os solidos caixilhos das janellas não podiam ser abertos pela banda de fóra.

Afinal metteu o revolver debaixo do travesseiro, e só depois de tomadas estas precauções é que se deitou.

Durante alguns segundos ainda, poz-se a escutar os mais insignificantes rumores que se ouviam em roda, mas como não sentisse novidade, dormiu até ao dia seguinte.

VI

O domador

No dia seguinte devia effectuar-se o casamento de Thereza Huberto e de José Lerond.

— Pego perdão, peço desculpa, hoje ha muito que fazer, e depois... não estou para alegrias...

— Isso não faz ao caso. E' preciso ir ao casamento; a tua ausencia podia ser notada, e eu quero que vás lá... E' verdade que não tens, como de costume, a pistola de dois canos para atirar em honra dos noivos; mas, se quizeres, eu lá darei explicações...

— Eu lá irei, senhor, eu lá irei, interrompeu Hermano.

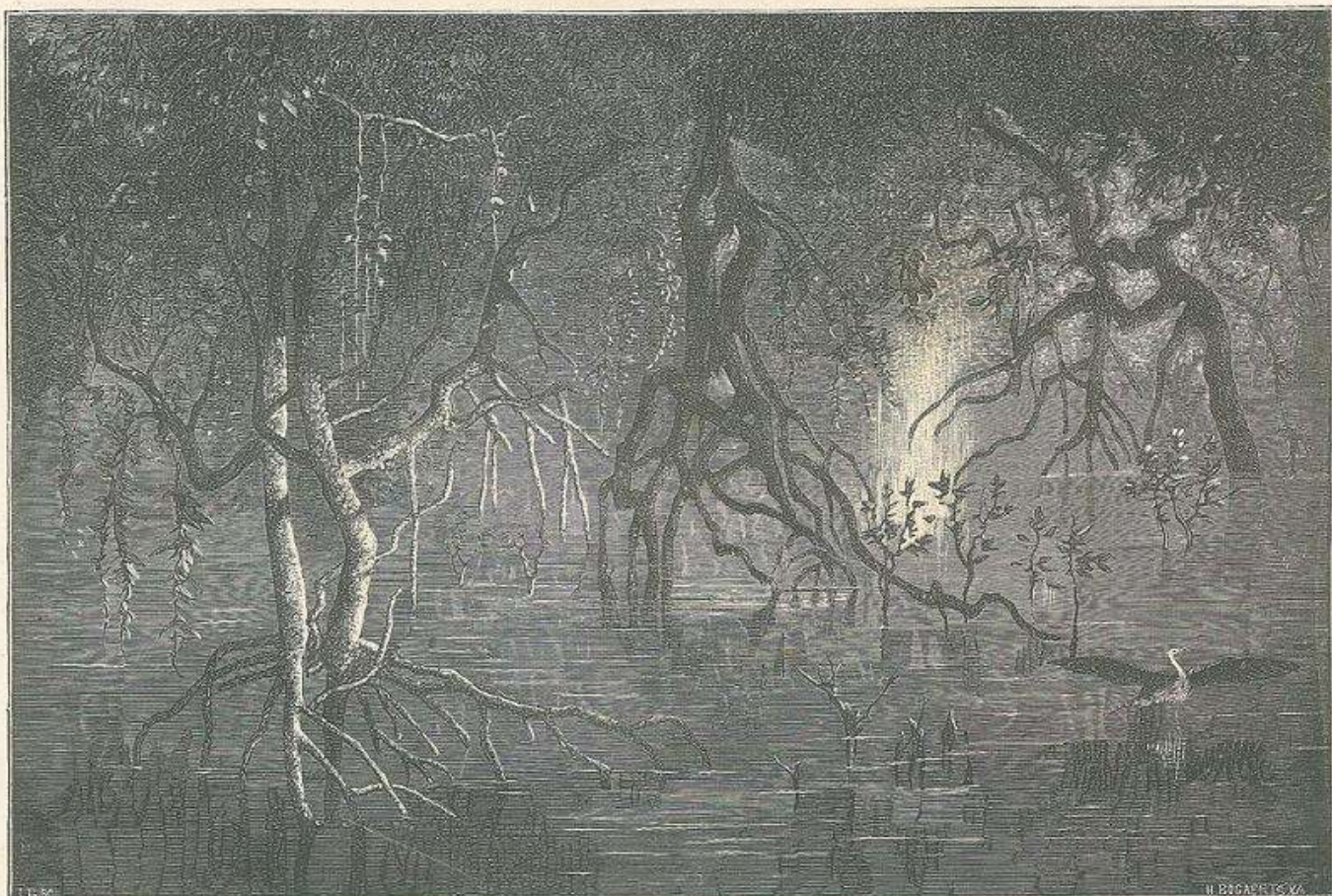
— Perfeitamente. Para acabar de te resolver, annuncio-te que terei o prazer de comparecer na

renço, mais enfeitada que um palmito, mas conservando sob os seus enfeites de mau gosto, a frescura e a riqueza de contornos que despertavam a admiração geral.

Sem duvida que a viuva não desgostaria de dançar e tambem bom numero de rapazes ardiam por lhe pedir uma valsa principalmente o pobre João Pedro, que vestido com o seu pobre fato de domingo andava incessantemente á roda d'ella.

Mas ninguem se atrevia a approximar-se d'ella, e a formosa viuva continuava sentada no seu logar.

E por detraz d'ella estava Hermano, que pare-



UMA ARVORE DE RAIZES PHANTASTICAS

Como não queria perder um dia de trabalho, Girard resolveu só comparecer de tarde na festa, em que devia tomar parte toda a gente da terra. Por isso á hora do costume saiu para ir ao Chateau-Neuf.

Ao passar por diante da officina de Hermano avistou-o com o seu fato de trabalho, sentado, n'um banco, com os braços pendentes e a cabeça descabida para o peito.

Estava pallido, tinha os olhos vermelhos e meio fechados. Conhecia-se-lhe pelo rosto que passára uma noite de insomnia.

Leão parou á porta e disse-lhe n'um tom cuja aspereza e arrogancia exagerava de proposito:

— Então, Hermano, não *caes* ao casamento da Theresinha.

Hermano, ao ouvir esta voz, estremeceu e levantou-se. Descobrimo-se respondendo com humildade:

festa mais tarde... Não te impacientes; irei lá, prometto-te.

E retirou-se.

Quando Leão se achou a certa distancia, Hermano fez um gesto de raiva. Depois encaminhou-se para o seu quarto a fim de se vestir para a festa.

Durante o dia todo a aldeia esteve em folgança rasgada. O rez do chão e uma especie de cercado plantado de batataes, que havia de traz da casa, estava cheio de mezas emprestadas pelos vizinhos e pelos amigos. Em cima das mezas diversas especies de comidas, quentes ou frias, e vinho ou cidra, de que todos podiam servir-se quanto quizessem. N'uma parte reservada do cerrado, um musico raspava n'uma rebecca, e da rebecca assim raspada, sahiam valsas e contradanças, que faziam saltar rapazes e raparigas.

Entre os convidados achava-se a viuva Lou-

cia guardal-a. O tanoeiro estava com o seu fato domingueiro, que a sociedade achava muito *ca-tita*.

(Continua).

EXPEDIENTE

Aos srs. assignantes que não tenham recebido o JORNAL DO DOMINGO com regularidade, rogamos novamente a fineza de nos dirigirem as suas reclamações, na certeza de que serão immediatamente satisfeitas.

Das pessoas residentes nas provincias, que recebem o jornal directamente da empresa e que se acham em divida, esperamos o favor de mandarem satisfazer até ao dia 1 de abril a importância das suas assignaturas.

Nas localidades onde foi autorisada a assignatura paga no acto da entrega devem os srs. assignantes satisfazer, por cada numero, unicamente, a quantia de 60 réis.

Typ. de Christovão Rodrigues, Rua do Norte, 145, 1.º